

Os Alienados Segundo Henrique Roxo: Ciência Psiquiátrica No Brasil No Início Do Século XX

Ana Teresa A. Venancio¹

Resumo:

O presente trabalho visa demonstrar como, no início do século, a clínica psiquiátrica que então se institucionalizava no Brasil participou da circulação e da recepção de idéias científicas, ao mesmo tempo em que, também pela via da ciência, adensava o debate sobre as possibilidades civilizatórias para o país. Para tanto analisa as idéias de Henrique Roxo (1877-1969) produzidas durante as duas primeiras décadas do século XX, relativas ao campo da clínica psiquiátrica e presentes em seus textos publicados em livros e periódicos especializados da época. Com base nessas fontes primárias e em fontes secundárias observa-se o modo como Henrique Roxo leu e difundiu as idéias de distintas correntes – da psicologia experimental de Wilhelm Wundt, das propostas diagnósticas de Émil Kraepelin ou da terapêutica psicanalítica – fomentando o debate sobre o futuro da nação, seja em relação à questão racial, seja em relação ao tema da infância.

Palavras chave: psiquiatria brasileira, história, Henrique Roxo, ciência

Mental illness according to Henrique Roxo: psychiatry in Brazil in the early 20th century

Abstract:

The aim of this work is to demonstrate how, in the early 20th century, clinical psychiatry, which was then being institutionalized in Brazil, was involved in the reception and circulation of scientific ideas at a time when scientific arguments were being used in the growing debate about how to make Brazil a civilized country. To this end, an analysis is presented of the ideas Henrique Roxo (1877-1969) produced during the first two decades of the 1900s about the field of clinical psychiatry, as expressed in his texts published in books and specialized periodicals at the time. Based on these primary sources and on secondary sources, it is observed how Henrique Roxo interpreted and divulged the ideas of different currents – Wilhelm Wundt's experimental psychology, the diagnostic proposals of Emil Kraepelin and psychoanalysis – and contributed towards the debate on the future of the nation, particularly concerning the issue of race and the topic of childhood.

Keywords: Brazilian psychiatry, history, Henrique Roxo, science

¹ Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (1998). Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

I. Introdução

Este artigo visa demonstrar como, no início do século XX, a psiquiatria que então se institucionalizava no Brasil participou da circulação e da recepção de idéias científicas, ao mesmo tempo em que, também pela via da ciência, adensava o debate sobre as possibilidades civilizatórias para o país. Para tanto analisaremos as idéias do psiquiatra Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969) produzidas entre 1900 – ano de defesa de sua tese de doutoramento, intitulada *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados* – e 1924, ano da divulgação de seu livro *Modernas noções sobre doenças mentais* publicado pela editora Guanabara².

Procuo, em primeiro lugar, tornar mais complexa a visão que vários trabalhos apresentam sobre o fato de Henrique Roxo ter sido um dos grandes nomes da psiquiatria do século XX no Brasil³, dada sua extensa produção científica, sua participação na formação de várias gerações de psiquiatras e sua atuação em importantes instituições acadêmicas e assistenciais: como membro da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, como professor catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como diretor do Pavilhão de Observações do Hospício Nacional de Alienados e, posteriormente, do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

A trajetória de Henrique Roxo serve aqui como fio condutor para observarmos a história da psiquiatria no Brasil quando nosso personagem participava do processo de institucionalização deste campo. Certamente não há intenção de dar conta de toda sua carreira, observando-se apenas suas idéias científicas sobre a alienação mental no início de sua trajetória. Parto da imagem de que quando Roxo estava redigindo sua tese de doutoramento nos últimos anos do século XIX, ou escrevendo seus primeiros artigos científicos no início dos anos de 1900, ele não se via e não era visto como o eminente psiquiatra brasileiro que se tornou: era um jovem começando a vida, partícipe do movimento de idéias médicas que aqui circulavam e da construção, por e para um grupo de médicos específicos, de espaços de produção, concorrência e circulação do conhecimento psiquiátrico, no ensino, na assistência e também na pesquisa⁴. Busco assim evitar “a ilusão biográfica” que imprime coerência e sentido *a posteriori* aos eventos sucessivos de uma trajetória individual específica⁵.

Em primeiro lugar analiso seus textos como expressivos da própria conformação do campo psiquiátrico. A perspectiva é a de que não havia uma ciência psiquiátrica *a priori* já institucionalizada no Brasil; ela estava se conformando por meio de um conjunto de temas e controvérsias travadas por indivíduos que, ao desenvolverem sua trajetória profissional e intelectual, institucionalizavam a psiquiatria através da criação de sociedades científicas e seus periódicos, da oferta de disciplinas e elaboração de manuais sobre a matéria, bem como da pesquisa clínica.

Em segundo lugar busco observar como saberes, teorias e idéias nomeadas psiquiátricas pela medicina produzida no Rio de Janeiro se articulavam a campos científicos organizados no contexto europeu e operavam com uma variedade de correntes teóricas específicas. Outros trabalhos já têm apontado a pluralidade de perspectivas teóricas a partir das quais a psiquiatria aqui se organizava. Entretanto, por vezes desenvolvem a argumentação de que tal pluralidade seria expressão de uma psiquiatria eclética, isto é, apropriações nem sempre fiéis às teorias

2 Todos os livros de Henrique Roxo divulgados até 1933 foram publicados pela editora Guanabara que, nos anos de 1930, se caracterizaria pela divulgação de obras mais afeitas ao *establishment* psiquiátrico, se comparada a outras editoras. (Russo e Carrara, 2002: 284).

3 Ver Fidalgo (1942), Jorge (1947), Piccinini (2006; 2009; 2010), por exemplo.

4 Como se verá ao longo deste trabalho, não faremos referência a instituições das quais Henrique Roxo participou após o período aqui analisado (1899-1924), como a Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923. Para fazê-lo teríamos que investigar mais aprofundadamente as relações, posições objetivas e deslocamentos dos atores sociais envolvidos nessas outras instituições naqueles anos, o que ampliaria em muito o escopo deste trabalho.

5 Considero aqui, seguindo Bourdieu (1986), que “não podemos compreender uma trajetória (isto é o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ele se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço de possíveis (1986: 72, grifo do autor)

européias vistas como originais, e muitas vezes comportando uma defasagem temporal em relação ao conhecimento psiquiátrico europeu⁶.

O interesse deste trabalho, por sua vez, é exatamente partir da produção científica de Henrique Roxo para investigar que idéias o grupo de médicos interessados na matéria psiquiátrica acionava para falar sobre a alienação mental no Brasil. A abordagem aqui adotada visa somar-se a um conjunto de trabalhos que tem procurado analisar o processo de constituição da medicina e da psiquiatria no Brasil não como expressão de um agrupamento de idéias embaralhadas, distorcidas ou antiquadas em relação ao conhecimento psiquiátrico que circulava na Europa, mas como partícipe dos movimentos de circulação e recepção de idéias científicas que constituem processos de institucionalização da medicina e, em particular, da psiquiatria no Brasil⁷.

Portanto considera-se aqui, por um lado, que havia àquela época um campo de possibilidades para as discussões em psiquiatria que traduziam lógicas internas ao mundo da ciência. Neste sentido levamos a sério a constatação de que os médicos psiquiatras do início do século XX olhavam a si próprios como um grupo imbuído da missão de produzir um conhecimento psiquiátrico tão “científico” quanto o europeu, ainda que isto não queira dizer que tal conhecimento tivesse que ser “fiel” ao que estava sendo pensado nos círculos europeus. A partir de um campo de possibilidades constituído por idéias científicas que estavam sendo produzidas e debatidas sobre o humano, um grupo de médicos brasileiros da época passou a considerar não apenas que tinham como contribuir para o debate, mas também que poderiam operar com essas idéias para tentar explicar e resolver problemas relativos à alienação mental em seu próprio país.

De outro lado, parte-se do pressuposto de que essa ciência psiquiátrica encarnava questões sociais e políticas mais amplas que perpassavam diferentes domínios da vida social – como o religioso, o jurídico, e também o científico – por intermédio dos quais os indivíduos (dentre eles os psiquiatras) falavam e discutiam sobre seu tempo. Com isso estamos afirmando que não parece estranho que os homens que pensavam sobre a vida humana àquela época o fizessem informados pelo mundo social em que viviam. Não é assim uma novidade ou um achado o fato de psiquiatras como Henrique Roxo estarem discutindo temas como raça ou espiritismo, como se tais temas fossem “sociais” e, portanto, algo diverso daquilo pelo que a psiquiatria deveria se interessar. Para a presente análise a constatação do caráter social das questões abordadas pela psiquiatria é antes um ponto de partida do que de chegada.

II. Fontes desta história

Segundo noticia o próprio Roxo (1906: 2), além da tese defendida em 1900, ele teria publicado cerca de 6 textos no período de 1899 até 1903. O primeiro foi um artigo publicado no *Brazil Médico*, em 1899 sobre sífilis cerebral (cf. Roxo 1906: 2). O *Brazil Médico*, criado em janeiro de 1887, era uma das principais revistas médicas independentes publicadas na segunda metade do século XIX, participando do movimento de renovação da medicina – representada até então pela tradição médica da Academia Imperial de Medicina (AIM) – que se iniciava no Rio de Janeiro e na Bahia (cf. Ferreira et.al., 1997: 482). O periódico fazia parte, assim, de uma “rede de instituições médicas não oficiais empenhadas em lutar pela modernização científica e institucional da medicina brasileira” (Ferreira et.al., 1997: 483). Muitos dos colaboradores do *Brazil Médico*, por exemplo, também eram associados da

6 Estou me referindo à perspectiva de Cunha (1986) de que “o pensamento dos primeiros alienistas brasileiros estava revestido de um notável ecletismo, cujo significado deve ser buscado nas condições históricas particulares em que seu pensamento foi gestado e formulado” (Cunha, 1986: 29) e que aqui em nosso Brasil, “na segunda metade do século XIX, o debate do tema da loucura [era] marcado por um tom as vezes defasado em relação àquilo que se discutia na Europa” (Cunha, 1986: 43). Segundo Isaia (2008), a idéia do ecletismo dos psiquiatras brasileiros também é afirmada por Mokrejs (1993) já que esses médicos brasileiros faziam “questão de, mesmo superficialmente, mostrar sintonia com diferentes modelos europeus (Mokrejs,1993)” (Isaia, 2008: 209)

7 Como exemplos podemos citar Carrara (1998), Edler (1998), Ferreira (1999), Russo & Carrara (2002), Venancio & Carvalhal (2001), Venancio (2010), Facchinetti & Munoz (2012).

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (SMCRJ), como seu fundador, editor e proprietário, Antonio Azevedo Sodré, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Segundo editorial publicado no primeiro número da revista, a medicina oficial representada pela AIM produzia um conhecimento imitativo da produção estrangeira, sendo necessária a divulgação de trabalhos nacionais que pudessem manter o intercâmbio com a produção internacional, mas elaborando leituras singulares tendo em vista as especificidades de nossa realidade (*Brazil Médico*, 1887 *apud* Ferreira et al., 1997: 484)

Seu segundo trabalho foi sua tese de doutoramento apresentada em 1900 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, orientada por João Carlos Teixeira Brandão (1854–1921). Já consagrado no meio médico, Teixeira Brandão foi o primeiro professor da recém criada cátedra de clínica psiquiátrica e moléstias nervosas da Faculdade de Medicina, cargo que ocupou a partir de 1883. Logo em seguida, em 1887⁸, tornou-se diretor do Hospício Nacional de Alienados, primeiro asilo para alienados do Brasil fundado em 1852, no Rio de Janeiro, com o nome de Hospício de Pedro II.

Entre 1905 e 1912, observa-se um deslocamento da produção de Henrique Roxo, que passa a divulgá-la sistematicamente no *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* – primeiro periódico especializado na matéria psiquiátrica, criado naquele mesmo ano de 1905 – em um total de 11 artigos, somando-se ainda dois artigos no *Brazil Médico* (1907; 1909) e a publicação de seu primeiro livro. Trata-se de *Molestias mentaes e nervosas: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905* que, segundo seu autor, resultava do novo cargo que assumira. Em 1904, Roxo foi nomeado professor substituto interino da 12^a Secção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ)⁹, com a incumbência de substituir o Dr. Marcio Nery que já vinha ocupando o lugar de catedrático de Teixeira Brandão, mestre de ambos, já que este último se achava investido no cargo de deputado federal (Roxo, 1906: 3). Interessante observar o modo como o próprio Roxo se representava frente a seus pares: um neófito, a quem “no verdor de seus anos” fora conferida importante missão, por isso merecedora de registro. Nos agradecimentos do livro escreve: “Aos mestres que tão bondosamente deram acolhida em sua sabia congregação ao clinico neófito que ia transitoriamente hombraear com eles, dou uma demonstração de que me esforcei por não deslustrar o brilho que sabem imprimir as cadeiras que lecionam” (1906: 5).

Neste contexto Roxo assumiu também a direção do Pavilhão de Observações do Hospício Nacional de Alienados (HNA)¹⁰ como era legalmente atribuído ao catedrático da FMRJ em matéria de psiquiatria (Engel, 2001: 92). A exemplo do que fizera em sua tese de doutoramento, durante este período retirou da experiência clínica dados de pesquisa e observação para muitos de seus artigos no *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*¹¹. Além de publicar sistematicamente neste periódico até 1912, Roxo participaria em conjunto com outros psiquiatras de seu corpo editorial. Segundo Facchinetti et al. (2010) a partir de 1915, a revista reafirmaria a articulação entre a psiquiatria e outras ciências afins: psiquiatria, neurologia e medicina legal apareciam na capa como as três áreas de conhecimento centrais da revista, estabelecendo-se que o trabalho de redação das matérias relativas à psiquiatria ficaria a cargo de Henrique Roxo, Fernandes Figueira e Ulisses Vianna. (Facchinetti et al., 2010: 529).

8 Cf. Teixeira 2005: 49. Sobre Teixeira Brandão e sua atuação na constituição da psiquiatria no Brasil ver Teixeira (2005).

9 Após a Proclamação da República, o decreto nº 1.270 de 10/01/1891, renomeou as escolas de medicina, do Rio de Janeiro e da Bahia, como Faculdade de Medicina e Farmácia. Com nova reforma implantada pelo decreto nº 3.890, de 01/01/1901, a Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro voltou a adotar a antiga denominação de Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mais informações ver: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/escancimerj.htm#historico>

10 Sobre o Pavilhão de Observações e a história do Hospício Nacional de Alienados ver Engel (2001), Venancio (2003), Edler & Gonçalves (2009) e Muñoz et. al. (2011).

11 Este periódico era órgão de divulgação dada Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Affins, também fundada em 1905. Tratava-se de instituição científica que trazia consigo o ineditismo de ao mesmo tempo dedicar-se a especificar um campo particular no Brasil – a psiquiatria – e reunir em torno dele as ciências consideradas então suas congêneres, como a neurologia e a medicina legal. Em 1907 a referida sociedade seria renomeada como Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, substituindo-se também o nome da publicação para *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* e, em 1919 para *Arquivos de Neuria-tria e Psiquiatria*. Sobre a referida sociedade e seu periódico ver Amarante (2004) e Facchinetti et al. (2010).

Artigos de H. Roxo publicados no *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (1905-1912)

1905a	“Noções geraes sobre o systema nervoso”. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins</i> . Anno I, julho, nº.2, p.159-166
1905b	“Noções geraes sobre o systema nervoso (Conclusão)”. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins</i> . Anno I, outubro, nº.3-4 p. 289-294
1906a	Contribuição ao estudo da semiologia da pupila nos alienados. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins</i> , Anno II, setembro, nº 3 p. 252
1906b	Perturbações mentais ligadas a arterio-sclerose. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins</i> , Anno II, setembro, nº 3, p.197-212
1907 ^a	Dos estados mentais nas grande nevroses. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins</i> , Anno III, nº 3, p.247-263
1908 ^a	Da atenção nos Alienados. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal</i> , Rio de Janeiro, Ano IV, nº 1, p.67-85
1909a	Diagnóstico precoce dos tumos do lóbo frontal. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins</i> , Anno V nº 2, p. 233-270.
1910	“Causas de Re-internação de Alienados no Hospício Nacional”. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal</i> , Ano VI, N. 1 e 2, p. 403-415.
1912a	Síndrome da hipertensão intra-craniana. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal</i> , Anno VIII, p.401-402
1912b	Três casos de tabes com evolução anomala. <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal</i> Anno VIII, p.395-396
1912c	Um caso de paralisia geral. In: <i>Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal</i> , Anno VIII, p.398-399

Alguns dos artigos de Roxo (1907a; 1910) publicados no *Arquivos* foram levados a congressos nacionais e internacionais, como outros de seus trabalhos posteriores. “Falsos neurastênicos” foi o tema que apresentou no 7º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, em abril de 1912 e, no ano seguinte, participou do XVII Congresso Internacional de Medicina de Londres com a comunicação “Delírio sistematizado alucinatório crônico” (cf. Roxo, 1925). Do mesmo modo que outros médicos psiquiatras de seu tempo, como Juliano Moreira, Afranio Peixoto e Antonio Austregésilo, Henrique Roxo se interessava pela troca científica com seus pares brasileiros, mas também divulgava seus trabalhos em encontros científicos em outros países, buscando ser participante dos debates internacionais; não apenas colocando-se a par do que estava sendo produzido na Europa, mas também levando ao conhecimento do “velho mundo” os estudos que por aqui fazia.

A partir de 1913 até a publicação de seus novos livros em matéria psiquiátrica no início dos anos 1920 (Roxo, 1921; 1924; 1925), Henrique Roxo diminuiu significativamente sua produção de artigos para o *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (3 artigos)¹². No início dos anos 20, Roxo era um senhor de cerca de quarenta e quatro anos, que clinicava há quase duas décadas, mantendo-se a frente de sociedades e grupos acadêmicos atuantes na institucionalização da psiquiatria no Brasil. É possível, portanto, pensarmos que,

12 Segundo Roxo (1925) ele publicara: *Nervosismo. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, 1916; *Sexualidade e Demência Precoce. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, 1919; e *Corea. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, 1921.

nesse momento, ele investisse menos na elaboração de artigos e se imbuísse da missão de produzir manuais e livros que sistematizassem e apresentassem as devidas atualizações do conhecimento relativo à especialidade médica psiquiátrica que no Brasil se instituíra. Certamente, muitos outros médicos-psiquiatras de renome já citados continuaram a escrever de modo sistemático para as páginas do periódico especializado enquanto Roxo preparava seus livros. De outro lado Roxo ajudava a manter a psiquiatria articulada à medicina, divulgando seus textos sobre a matéria em outros periódicos médicos (em especial no *Brazil Médico*) onde publicaria 11 artigos¹³.

Neste sentido teria havido uma inversão na prevalência de artigos de Henrique Roxo: se até 1912 concentrara a divulgação de seus trabalhos em revista própria da matéria psiquiátrica, após o início dos anos de 1910 investia na divulgação de sua produção escrita para a área médica em geral. Com relação aos temas privilegiados pelo autor, mantinha o interesse nas contribuições da psicologia experimental para a compreensão da alienação mental. Tanto no *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* quanto no *Brazil Médico* publicara textos sobre os “atos psíquicos” – a consciência, a atenção e a memória dos alienados (Roxo, 1907b; 1908b; 1909), passando a discutir em seguida a vontade, a afetividade e o raciocínio na alienação mental (Roxo, 1911; 1915, 1916). Além disso observa-se uma produção expressiva de textos a respeito de patologias mentais da época: doenças mentais e nervosas, estados atípicos de degeneração, delírio sistematizado alucinatório crônico, parafrenia, demência precoce, opiomania, confusão mental, psicose de involução, paranóia...

III. A psicologia experimental e os projetos civilizatórios para a nação brasileira

Em 1900 Henrique Roxo defendia a tese *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados*. Tratava-se de trabalho final que os alunos deviam apresentar à Faculdade de Medicina para obterem o título de médicos. A tese foi apresentada como concernente à clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas, não figurando nenhuma vez nesse seu trabalho a noção de medicina legal. No momento em que Roxo escrevia sua tese, medicina legal e psiquiatria já compunham duas secções separadas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Roxo afastava-se de uma possível correlação entre psiquiatria e medicina-legal e toda a introdução de seu texto reafirmava a importância de um trabalho que, baseado em pesquisa e experiências originais pautadas no método científico, autorizasse inferências que serviriam à *clínica psiquiátrica*, isto é, ao diagnóstico e prognóstico da alienação mental. O texto de Roxo defendia o valor da psicologia experimental e do método da psicometria para a clínica psiquiátrica, fundamentando-se em grande parte nos trabalhos de Wilhelm Wundt (1832-1920)¹⁴.

Sem esquecermos aqui a importância das formulações de Wundt para a identificação da psicologia como uma ciência social – no sentido de que ela também deveria se deter na análise dos produtos históricos da mente humana (denominada por Wundt como uma *psicologia dos povos*) – foi a psicologia experimental wundtiana que fortemente fundamentou a tese de Roxo. Para Wundt, “a Psicologia é uma ciência experimental na medida em que (e somente na medida em que) ela estuda o processo básico envolvido nas atividades mentais inferiores, tais como as sensitivas, perceptivas, emotivas e volitivas” (Leary, 1979: 234). Portanto, foi nas proposições de Wundt sobre as relações entre o “físico” e o “moral” na constituição da unicidade do humano – mais do que nas relações entre as dimensões “individual” e “coletiva” da experiência social e histórica – que Roxo fundamentou para produzir seu trabalho como contribuição à clínica psiquiátrica.

A tese de Roxo se divide em três capítulos seguindo certo modelo acadêmico: primeiramente com a apresentação de um tema a partir de um panorama das correntes teóricas, européias, em que pode ser destacada

13 Segundo Roxo (1925), publicara trabalhos no *Arquivos Brasileiros de Medicina* (2 artigos), *A Clínica* (1 artigo) *Annaes da Faculdade de Medicina* (1 artigo) *Gazeta Médica de São Paulo* (1 artigo) *Revista de Medicina e Psiquiatria* (1 artigo), *Jornal dos Clínicos* (1 artigo), *Gazeta Clínica de São Paulo* (1 artigo); *O Hospital* (2 artigos) e *Boletim da Academia de Medicina* (1 artigo) .

14 W. Wundt estudou medicina em Heidelberg, formando-se em 1855. Preparou-se como pesquisador em fisiologia no laboratório de Johannes Muller em Berlim e inaugurou o primeiro laboratório de psicologia experimental em 1879. “A novidade inicial dos trabalhos de Wundt foi a de interpretar sua própria pesquisa em fisiologia sensorial como sendo ‘psicológica’” (Duarte; Venancio, 1995: 73).

uma teoria científica em específico; em seguida a aplicação clínica dessa teoria, conforme experiências desenvolvidas em outros países e, por último, a apresentação de sua própria pesquisa, original, que contribuiria para o entendimento do tema. Seguindo esta perspectiva, o primeiro capítulo apresenta os conceitos fundamentais da psicologia experimental no qual vai apoiar o seu trabalho. Define os atos psíquicos elementares e seu mecanismo, explicado de acordo com a teoria dos neurônios, discorre sobre a relação entre excitação e sensação, as concepções de consciência, percepção, personalidade e vontade, a fase psicológica dos atos psíquicos, os diversos períodos do ato psíquico elementar e a duração da percepção e da vontade. O método pelo qual se realizariam os atos psíquicos elementares seriam o de um ato reflexo em que a reação não acompanharia imediatamente a excitação, havendo entre os dois períodos um intervalo; observando-se assim uma sensibilidade que, exercendo-se na periferia, seria levada aos centros cerebrais. Os períodos dos atos psíquicos elementares se dividiriam em período sensorial latente (1ª fase), quando o aparelho sensitivo periférico transformaria a força viva que sobre ele atuava em excitação nervosa; a excitação nervosa propriamente dita, isto é, a duração da excitação do nervo que se distribui no ponto já excitado e, a 3ª fase, que seria a da condutibilidade sensitiva pelos nervos até o cérebro.

Para que, entretanto, houvesse uma sensação e que a excitação fosse reconhecida seria preciso que esta tivesse certa intensidade (Roxo, 1900: 13-14). Ainda segundo Roxo, a sensação realizaria uma construção em termos de intensidade, qualidade e tonalidade que constituiria uma espécie de “retrato” do evento denominado percepção. A realização do ato psíquico por sua vez, seria acompanhada de uma noção íntima da sua existência que personificaria a consciência (1900: 21). Na conformação do ato psíquico elementar observa-se ainda uma tendência a um movimento que se seguiria à excitação e à consciência antecipada do ato a produzir, tendência essa que presidiria a transformação da sensação em reação: essa tendência se denominaria vontade (1900: 22).

O segundo capítulo trata das experiências em psicologia experimental, produzidas em diversos países europeus e nos Estados Unidos, com o uso de aparelhos de psicometria variados (para as impressões visuais, para as sensações sonoras, para as excitações que se dão na pele, para os fenômenos olfativos), produzindo-se assim resultados distintos de mensuração dos atos psíquicos elementares. Ressalta Roxo que as primeiras aplicações de psicometria foram realizadas em indivíduos sãos, sendo numerosas as investigações na Alemanha, enquanto que as experiências com alienados teria se dado, sobretudo, na Itália destacando-se dentre os pesquisadores italianos o Prof. Gabriele Buccola, catedrático da Universidade de Reggio. As experiências de Buccola, ainda que realizadas com um número pequeno de pacientes¹⁵, revelaram uma notável diferença entre a duração dos atos psíquicos nos alienados e em indivíduos sãos. Nos primeiros o algarismo para o tempo do reflexo psíquico era muito maior, demonstrando-se assim que o processo cerebral entre os alienados se dava com muito mais lentidão.

O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa que ele próprio realizou, utilizando um psicômetro de Buccola, existente no gabinete de clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o qual se encontrava adaptado apenas para a experiência com as sensações visuais. Aplicou-o em 200 pacientes internados no Hospício Nacional de Alienados, número bastante elevado se comparado a experiência de Buccola, em relação aos quais realizou 10 experiências em cada um totalizando 2.000. Esse grupo compunha-se de pacientes que tinham diferentes diagnósticos, sendo o maior número de histeria (35 casos, todas mulheres) e de alcoolismo (33 casos)¹⁶. A esse grupo de 200 pacientes H. Roxo comparou as experiências que aplicou em 50 indivíduos sãos, todos eles empregados do referido hospício, também realizando em cada um 10 experiências. O hospício brasileiro, lugar da assistência, aparece também campo para a realização de pesquisas, de

15 Segundo Roxo (1900) as experiências de Buccola teriam sido realizadas com 28 alienados: 4 idiotas, 8 dementes, 5 com excitação maníaca, 5 com melancolia, 4 epiléticos e 2 com paranóia. Tais experiências aparecem descritas como: experiências com excitantes eletro-cutâneos em imbecis e idiotas, com excitantes sonoros em idiotas e dementes, com estímulos visuais, auditivos e táteis em casos de exaltação maníaca, de melancolia, epilepsia e paranóia.

16 Os outros casos se subdividem em: mania (6 casos), melancolia (12 casos), psicose sistematizada progressiva (4 casos), psicose palustre (1 caso), estupidez vesânica (6 casos), demência (22 casos), sífilis cerebral (2 casos), paranóia (24 casos), epilepsia (27 casos), histero-epilepsia (5 casos, todas mulheres), idiotia (3 casos), imbecilidade (9 casos), debilidade mental (8 casos), degeneração mental (6 casos) (cf. Roxo, 1900: 53 – 72)

onde se produzia conhecimento psiquiátrico.

As conclusões que Roxo chega dessas experiências, reafirmadas mais de uma vez durante seu texto, é a de que a psicométrica poderia prestar valiosos serviços à clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas ao revelar que a duração dos atos psíquicos elementares é sempre muito mais demorada nos alienados do que nos indivíduos sãos. Na maioria dos tipos mórbidos, essa lentidão da duração dos atos psíquicos poderia ser atribuída a alguma alteração orgânica profunda específica, que Roxo se atem a descrever. Neste sentido, é notável a importância que o cérebro e suas diversas alterações assumem para o reconhecimento destas patologias mentais. No caso da demência haveria a destruição dos “ramúsculos terminais dos prolongamentos protoplasmáticos que se encontram na camada cortical do cérebro” (1900: 93). Nos casos de alcoolismo a referida lentidão seria devida “às alterações cerebrais histológicas que redundam numa degeneração gordurosa...” (1900: 94). Quanto aos casos de melancolia, a mesma lentidão seria consequência de “um processo de ischemia, uma menor irrigação cerebral por causas diversas” (1900: 96), enquanto que na paranóia a razão de ser dessa lentidão “é a sua característica anátomo-patológica de um estado degenerativo decorrente do desenvolvimento incompleto do cérebro ou de degeneração hereditária” (1900: 98). Já na mania nota-se um “estado congestivo do cérebro”, na idiotia uma “atrofia cerebral”, na psicose palustre observa-se uma “anemia cerebral” e na psicose sistematizada progressiva “modificações estruturais do cérebro”, respectivamente responsáveis pela duração dos atos psíquicos nesses tipos mórbidos.

O tempo de reação era então visto por Roxo como um marcador da diferença importante que revelaria a maior ou menor proximidade do organismo em relação a algum tipo mórbido. Nestes termos ele concluía que o tempo de reação era diferenciado em relação a vários fatores: a maior cultura intelectual e atenção diminuiriam o tempo de reação – devido a uma maior adaptação do órgão pela utilização continuada e refinada de sua função – assim como fatores excitantes influenciariam no tempo fisiológico. Considerava fatores excitantes as estações do ano, as emoções, o estudo, o exercício, o café, o álcool, a morfina. Além desses fatores, Roxo dava destaque a duas variáveis específicas que influenciariam a duração dos atos psíquicos: a raça e a fase de desenvolvimento da vida (criança, moços adultos e velhos).

No que se refere ao tema da raça, Roxo afirmava que o tempo de reação seria muito mais longo nos indivíduos pretos que nos indivíduos brancos, corroborando uma das idéias correntes à época de que a raça negra representaria um tipo inferior pelo seu grau rudimentar de evolução psíquica (1900: 102). Roxo opinava aqui sobre um tema caro à história do Brasil e aos rumos para a construção de um projeto civilizatório para o país: a questão racial. Conforme vários autores já ressaltaram, a conjuntura histórica da virada do século XIX para o XX no Brasil era a de uma sociedade que há bem pouco tempo buscava se transformar – com a abolição da escravidão em 1888 e a proclamação da república em 1889 – carregando ainda, entretanto, todas as marcas de uma cultura escravocrata ancorada na ordem imperial. Neste contexto, a questão da formação do povo brasileiro pela miscigenação das três raças (negra, branca e indígena), suas potencialidades e, principalmente, entraves para a civilização, estava na ordem do dia. Além disso, fatores como o clima tropical e as condições de higiene ajudavam a construir uma imagem pouco otimista sobre o futuro do país, se comparado ao estado civilizatório europeu à época. Esse contexto conclamava a participação da elite intelectual no debate sobre os rumos da nação brasileira, com as instituições acadêmicas buscando produzir uma ciência que pensasse esse processo e nele atuasse.

Para ficarmos apenas nas abordagens de médicos-psiquiatras brasileiros em torno da questão racial, cabe lembrar as posições opostas de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e do psiquiatra Juliano Moreira (1873-1933)¹⁷. Segundo Oda (2001)

“Nina Rodrigues acreditava que as três raças fundamentais (negros, índios e brancos) transmitiriam “aos produtos de seus cruzamentos caracteres patológicos diferenciais de valor” (Nina Rodrigues, 1939, p.203), e que a correta diferenciação das raças seria muito importante para a prática

17 Juliano Moreira era ele mesmo mulato, tendo, segundo Gilberto Freyre conseguido ascensão social e *embranquecimento* através de seus estudos médicos (cf. Freyre, 1973: 183). Sua posição neste debate era, portanto, peculiar.

médica, nas doenças físicas como nas mentais. Para ele, a inferioridade racial dos negros e indígenas, com relação ao branco, era indiscutível; assim sendo, a miscigenação entre raças em diferentes patamares evolutivos resultaria, fatalmente, em indivíduos desequilibrados, degenerados, híbridos do ponto de vista físico, intelectual e nas suas manifestações comportamentais”. (2001: s/p.)¹⁸

Juliano Moreira por sua vez, afirmava os efeitos desastrosos da degeneração entre os alienados, mas não estabelecia à época uma associação entre degeneração e raça negra (cf. Venancio, 2004). Considerava necessária a atenção a toda a população brasileira que encontrava-se a mercê das péssimas condições de moradia, de alimentação, de trabalho entregue aos maus hábitos da bebida e desprovidos de noções básicas de higiene. Entretanto, diferentemente de Nina Rodrigues, Juliano Moreira não considerava que o povo brasileiro, incluindo-se aí os negros, estivesse fadado ao estado de barbárie, fosse pela raça, fosse pelo clima. Ao contrário, defendia ações educativas e medidas que, pela via da higiene e da educação, certamente poderiam alçar o povo brasileiro a condições de civilização equiparáveis aos povos europeus. Henrique Roxo tomava posição neste debate defendendo a inferioridade do negro em relação ao branco. No entanto não se ancorava apenas nas idéias européias do século XIX sobre o tipo humano primitivo imperfeito e degenerado, como fizera a medicina legal representada por Nina Rodrigues; encontrara na psicologia experimental uma via para experiências científicas, psicofisiológicas que, para o olhar do jovem psiquiatria brasileiro, confirmava a demarcação do que considerava ser uma diferença racial.

No que se refere às diferentes fases da vida, Roxo defendia que o prazo maior de duração dos atos psíquicos também seria típico dos velhos (adultos com mais de 40 anos) e crianças se comparado aos moços. Segundo Roxo

“é este mais um ponto de contato da velhice com a infância, em que esta patenteia a sua inaptidão, a sua falta de habilidade, o seu psiquismo incipiente, ao passo que aquela revela a sua decadência orgânica, a sua impotência funcional. Seria o caso de dizer que uma, a infância, não age bem por não ter prática, por não saber como agir enquanto que a outra, a velhice, não age bem por não poder.” (Roxo, 1900: 102)

Assim como ocorria com a questão racial, o tema da infância aparece articulado às discussões sobre as viabilidades civilizatórias para o país: tanto do ponto de vista da evolução da espécie humana, quanto do ponto de vista ontogenético, o que estava em jogo era a possibilidade de constituição de indivíduos que, organicamente, deixassem de representar os estágios considerados menos evoluídos da espécie humana. Conforme as querelas em relação à questão racial, havia também diferentes opiniões – otimistas e pessimistas – quanto aos caminhos futuros de nossa nação pela via da criança.

Naquele início do século XX, uma das discussões importantes em torno da infância era a da concepção de “desenvolvimento”, debatida no contexto europeu a partir de meados do século XIX. Com esta concepção tornava-se possível a construção de um olhar positivo sobre a criança, como expressa a criação do Pavilhão Escola Bourneville, analisada por Renata Silva (2008). Segundo a autora, esta primeira unidade assistencial psiquiátrica para “crianças anormais”, que começou a funcionar no Hospital Nacional de Alienados entre 1903 e 1905 (Silva, 2008: 27), ocorreu no contexto brasileiro de afirmação da “criança como futuro da nação”, tornando-a objeto de diferentes saberes e práticas, dentre os quais uma clínica psiquiátrica para a infância, liderada por Antonio Fernandes Figueira (1863-1928), com o apoio de Juliano Moreira, então diretor do Hospício Nacional de Alienados. Uma clínica que, ancorada no “método médico-pedagógico”, passava a defender a socialização básica dos mais

18 No final do século XIX Nina Rodrigues publicaria o artigo “A loucura epidêmica de Canudos. Antônio Conselheiro e os jagunços”, na *Revista Brasileira* (1º de novembro de 1897), reeditado na década de 1930 no livro *As coletividades anormais*, que reunia outros artigos de sua autoria.

desprovidos de possibilidades de se desenvolverem: a infância mentalmente doente pelo idiotismo¹⁹. Assim todo o aprendizado por este método, visava exatamente fazer com que as referidas crianças tivessem possibilidades mínimas de autonomia – aprender a fechar um botão, segurar uma colher, pentear seus cabelos... – buscando, do ponto de vista ontogenético, inseri-las no processo civilizatório mais amplo que aqui se constituía.

A posição de Roxo sobre o tema da infância mentalmente doente era bem mais pessimista. Ele considerava a classificação do Dr. Bourneville, criador do “método médico-pedagógico”, como a melhor classificação para a idiotia, tendo em vista ser balizada pela observação das lesões anátomo-patológicas. Tais lesões poderiam ser cerebrais, congênitas, em que o perfeito desenvolvimento do cérebro estaria prejudicado devido à má formação ou intoxicação, ou lesões adquiridas, como os traumatismos, em especial os que ocorreriam no momento do parto, muitas vezes decorrentes do uso do fórceps. Apesar de acompanhar Bourneville na sua visada orgânica sobre as patologias de desenvolvimento da criança, Roxo distanciava-se daquele por não acreditar no tratamento para os infantes idiotas frente a inexorabilidade de sua condição orgânica.

“A sorte do idiota está sempre presa à sua condição orgânica. D’ahi sua inutilidade. Não consegue por si fazer coisa alguma. Se instruído longamente, conseguem depois de longo tempo realizar alguns trabalhos manuais muito simples que sempre repetirão de forma maquinal, como um papagaio. O idiota é, normalmente, um paria da sociedade (Roxo, 1906: 169)

V. Caminhos da ciência psiquiátrica no Brasil segundo Henrique Roxo

Assim como a história de uma psicologia no Brasil pode ser considerada diretamente articulada aos desenvolvimentos da psiquiatria e da neuriatria (cf. Lourenço Filho, 1955: 306), podemos dizer que a psicologia experimental foi parte integrante da psiquiatria que aqui se instituía no início do século XX. Roxo não dissertava então em torno apenas das duas vertentes teóricas mais predominantes entre psiquiatras brasileiros: as teorias de inspiração francesa, fortemente defendidas e propagadas por seu orientador, Teixeira Brandão ou a psiquiatria de inspiração alemã, fundamentadas nos trabalhos de Émil Kraepelin e difundidas, no contexto brasileiro, desde os primeiros anos de 1900, por Juliano Moreira. Pelas mãos de Henrique Roxo a psicologia experimental aparecia dividindo o espaço da tradição francesa e da recepção das teorias kraepelinianas na conformação do campo psiquiátrico no Brasil. Ela não teria a mesma intensidade que as correntes psiquiátricas francesa ou alemã, aqui difundidas por médicos como Teixeira Brandão, Juliano Moreira e Afranio Peixoto, se considerarmos o “envelhecimento social” (cf. Bourdieu, 1986: 72) destes e o capital social muito mais sedimentado e valioso que acumulavam frente ao do nosso personagem, à época bem mais jovem.

De qualquer modo a psicologia experimental trazida por Roxo teve um caráter instrumental importante²⁰: a julgar por sua tese e por seus artigos futuros em torno dessa matéria (Roxo, 1907b; 1908b; 1909; 1911; 1915; 1916), a ciência psicológica experimental era acionada para corroborar as comprovações diagnósticas, para por em evidência objetiva a diferença entre o são e o mórbido e, neste último, entre várias expressões psicopatológicas. Por essa via podemos entender sua participação na ciência psiquiátrica de então no Brasil. Ao aderir à conjunção entre psicologia e fisiologia, Roxo produzia então maior conhecimento científico sobre os fenômenos psíquicos que, de um lado deixariam de ser vistos apenas como relacionados às faculdades metafísicas da alma e, de outro

19 Segundo Silva (2008) “para Esquirol o diagnóstico de imbecilidade permitia a aplicação de algum tipo de tratamento voltado para o trabalho mecânico, à formação de hábitos. Entretanto no caso do idiota não restava nada a ser feito para alterar sua condição. Este pensamento se manteve até meados do século XIX, quando o trabalho de Edouard Seguin (1812-1880) – uma das personagens importantes para a construção do método médico-pedagógico – faria emergir outra perspectiva sobre a criança idiota. Tal perspectiva partiria de uma revisão da noção de desenvolvimento que teria permitido a discussão sobre a educabilidade do idiota.” (Silva, 2008: 70).

20 Segundo Lourenço Filho (1955: 306) nos primeiros anos do século XX teria sido instalado um laboratório de psicologia experimental no Hospício Nacional de Alienados, e nos anos de 1910 e 1920 especialistas estrangeiros viriam ao Brasil para a organização de laboratórios de psicologia aplicados à educação, psiquiatria e organização do trabalho.

lado, diferenciava-se do legado da medicina legal deixado pelo eminente Nina Rodrigues, colocando em perspectiva a psiquiatria propriamente dita.

Após a defesa de sua tese, Roxo reafirmaria suas observações pessimistas sobre a questão racial em relação à alienação mental através do artigo “Perturbações mentais nos negros do Brasil”, publicado no *Brazil Médico*, em 1904. Nesse texto Henrique Roxo apresentava ideias opostas à perspectiva mais otimista de outros psiquiatras contemporâneos, como Juliano Moreira e Afranio Peixoto²¹, exatamente no mesmo ano em que alcançava uma posição profissional de maior projeção como professor substituto na cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O artigo mantinha sua posição anterior em que defendia o caráter inexorável da inferioridade da raça negra (Roxo, 1900) e ampliava seu raio de divulgação ao apresentá-la no 2º Congresso Médico Latino-Americano, que ocorreu em Buenos Aires em 1904 (cf. Almeida, 2006: 742).

Segundo Magali Engel (1999), Roxo “encontrava-se pautado numa complicada e contraditória mistura entre o determinismo biológico e a ação do meio sócio-cultural” (Engel, 1999: 4). Nos dizeres do próprio Henrique Roxo (1904),

“Não é a constituição física do preto, a sua cor escura que lhe marcam o ferrete da inferioridade. É a evolução que se não deu. Ficaram retardatários. Ao passo que os brancos iam transmitindo pela herança um cérebro em que as dobras de passagem mais se aprimoravam, em que os neurônios tinham sua atividade mais apurada, os negros que indolentemente se furtaram à emigração, em que a concorrência psíquica era nula, legavam a seus descendentes um cérebro pouco afeito ao trabalho, um órgão que de grandes esforços não era capaz”. (Roxo, 1906 *apud* Engel, 1999: 4)

Tratava-se, a meu ver, de uma tensão entre a atenção às dimensões física e moral do humano. O modo privilegiado por Roxo para falar dessa tensão era o organicismo, isto é, o modo como Roxo via a ciência, mas também o modo como lia a “questão sociológica” era englobado pelo ponto de vista organicista. A explicação de Roxo parece se dissociar de uma visada organicista mais superficial dos estigmas físicos aparentes – como a cor da pele – para adentrar na discussão sobre o cérebro e sua evolução, na medida em que geração após geração os neurônios seriam chamados a uma maior atividade, afirmando ainda que tal processo de evolução não teria ocorrido entre os negros.

Neste período, entre 1904 e 1907, em que esteve a frente de dois cargos de direção, conjugando as atividades de ensino e assistência, Roxo divulgaria muitos trabalhos no periódico especializado em matéria psiquiátrica, discutindo, sobretudo, assuntos relacionados à clínica psiquiátrica. Além de alguns artigos voltados para os atos psíquicos em exame por uma psicologia experimental (1906a; 1908a), Roxo investia na discussão de temas abrangentes como “noções gerais sobre o sistema nervoso” (1905a; 1905b), “estados mentais nas grandes nevroses” (1907a) e em torno de categorias diagnósticas psiquiátricas específicas como paralisia geral, perturbações mentais ligadas a arteriosclerose, tumores do lobo frontal.

O livro de Roxo (1906) nos ajuda a entender melhor a perspectiva científica que se colocava então para a consolidação de uma clínica psiquiátrica no Brasil, fundamentada em categorias diagnósticas, no seu agrupamento em classificações psicopatológicas e na explicitação dos princípios objetivos que deviam informar o exame psíquico do doente. Nestes termos o autor sinaliza que numa “ciência nova como a psiquiatria” a classificação de moléstias mentais deveria acompanhar o progresso de seu estudo. (Roxo, 1906: 56). Nestes termos, o próprio psiquiatra elege como classificações modernas e importantes para a psiquiatria brasileira a do Prof. Teixeira Brandão, a do Dr. Marcio Nery e a de Émil Kraepelin, mas considerando a de Márcio Nery uma combinação das duas outras

21 Nesta época Juliano Moreira e Afranio Peixoto (1876-1947) eram respectivamente diretor e diretor interino do Hospício Nacional de Alienados adotando posições mais otimistas em relação ao futuro da nação brasileira. Sobre a perspectiva de Juliano Moreira a respeito das possibilidades civilizatórias para o Brasil ver Moreira & Peixoto (1906) e Venancio & Carvalhal (2001; 2005).

(1906: 67) e a de Brandão “mais perfeita que a do professor Kraepelin” (1906:60). Esta última estaria fundamentada numa perspectiva sintomatológica, diferentemente da classificação de Teixeira Brandão que teria o mérito de estar ancorada na diferença entre as patologias nas quais o cérebro evoluiria normalmente e aquelas em que este órgão ficasse estacionário ou evoluiria anormalmente. Nitidamente Roxo continuava a apoiar-se nos conhecimentos científicos em torno do cérebro para a observação das doenças mentais.

A discussão sobre as classificações psiquiátricas seria retomada por Roxo e outros psiquiatras seus contemporâneos, no contexto dos trabalhos e investimentos em torno da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, para elaboração de uma classificação psiquiátrica brasileira. Em 1908 a referida Sociedade comporia uma comissão para tal fim:

“(…) por proposta do Prof^o Austragésilo foi designada uma comissão para apresentar um projeto de classificação de doenças mentais, o qual pudesse servir de base às estatísticas dos manicômios nacionais. Eleitos membros dessa comissão foram os Drs. Eiras, Afrânio Peixoto, Austragésilo, Roxo e eu”. (Moreira, 1919, p. 94-5)

A elaboração do projeto brasileiro de classificação das entidades nosológicas tinha como objetivo romper com as taxionomias que adotavam os métodos empregados pelas ciências naturais, como o método pineliano. O novo sistema acabaria levando à adoção das categorias de diagnósticos e dos modelos de classificação alemães, em especial de Kraepelin²², e pressupunha, indiretamente, que as psicopatologias deveriam ser consideradas universais, podendo os quadros classificatórios europeus servir de modelo para o brasileiro (Venancio e Carvalhal, 2001).

Até onde sabemos, os resultados do trabalho dessa comissão só foram divulgados para o círculo médico-psiquiátrico mais amplo em artigo de Juliano Moreira em 1919 observando-se, segundo Venancio e Carvalhal (2001) a clara filiação à classificação de Émil Kraepelin. Entretanto os debates para a produção final da referida classificação parecem ter sido plurais. Segundo Muñoz (2010) o fato da classificação brasileira só ser concluída em 1910 revelaria as dificuldades de estabelecimento de um consenso entre os médicos-psiquiatras envolvidos. Roxo, inclusive, escreveria mais tarde sobre alguns dos pontos de controvérsia existentes no grupo (Roxo, 1925 *apud* Muñoz, 2010: 72). Ao mesmo tempo, nestes anos de 1910, o meio médico-psiquiátrico brasileiro tornava-se afeito à recepção da psicanálise, apropriando-se da mesma fosse como teoria etiológica das moléstias mentais fosse como método terapêutico. Esta apropriação certamente foi desigual entre os psiquiatras (cf. Russo & Carrara, 2002) e Henrique Roxo, embora se valesse da psicanálise como estratégia de aproximação e tratamento do doente, não se afastava de sua filiação à psicologia experimental e a teorias orgânicas preocupadas com o cérebro nos alienados (cf. Facchinetti & Venancio, 2006; Roxo, 1919)

Em 1919 Henrique Roxo assumiu definitivamente o cargo de professor substituto das cadeiras de clínica neurológica e clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e dois anos depois, em 1921, tornou-se o professor catedrático de psiquiatria, mesmo ano em que publicou seu segundo livro, *Manual de Psiquiatria*. O novo cargo acadêmico parecia bem adequado à retomada da escritura de um livro, com intuito similar àquele que escrevera no início de sua carreira, publicado em 1906. Mas o empreendimento de construção de uma ciência psiquiátrica de que Roxo participava parecia uma tarefa sem fim, marcada por uma sucessão de inovações no conhecimento, de modo a incrementar e tornar o mais atual possível a compreensão das manifestações patológicas. Assim, antes mesmo da segunda edição do seu Manual de Psiquiatria, em 1925, Roxo iria publicar, um

22 Ainda que a influencia de Kraepelin fosse aqui contraposta ao modelo nosográfico pineliano então corrente, segundo Roelcke (1997), Kraepelin estava, na Alemanha, debatendo com a etiologia, à época corrente, elaborada pelo famoso psiquiatra alemão Krafft-Ebing. Kraepelin passaria assim a observar as entidades mórbidas enquanto unidades “clínico-evolutivas”, sendo a nosologia kraepeliniana pautada pelos princípios da causalidade e da evolução patológica.

ano antes, um volume intitulado *Modernas noções de doenças mentais*. Como seus outros livros, Henrique Roxo tratava aqui de reunir, sistematizar e divulgar os conhecimentos adquiridos, consolidados e expressivos de uma psiquiatria institucionalizada nesse início dos anos de 1920, neste momento com muito mais autoridade científica do que em 1906, a julgar por suas próprias palavras, como já vimos.

* * *

Com base nas fontes primárias e em fontes secundárias aqui apresentadas este trabalho considera ter demonstrado como, por intermédio da veiculação de diferentes concepções sobre o psiquismo, a obra de Henrique Roxo foi expressiva da construção de uma ciência psiquiátrica no Brasil, ao mesmo tempo distinta e receptora de idéias advindas de diferentes disciplinas como a medicina-legal, a psicologia experimental, a neurologia e a psicanálise. Na interlocução com essas disciplinas Henrique Roxo se valeu dos achados sobre a possibilidade de observação e medição dos atos psíquicos, sobre o sistema nervoso, suas relações com o cérebro e as lesões neste último, sobre a terapêutica pela palavra e seu caráter pedagógico para obtenção de dados clínicos com o paciente. Participava por esse intermédio do movimento de idéias daquelas primeiras décadas do século XX, aderindo e discutindo com teorias psiquiátricas européias, mas também divulgando para além-mar a ciência psiquiátrica que aqui ajudava a construir.

Ao mesmo tempo buscou-se ressaltar que o conhecimento científico psiquiátrico elaborado e difundido por Roxo e seus contemporâneos também participava das questões colocadas pelo contexto sócio-cultural brasileiro à época, sem que tal participação tenha significado uma distorção dos aportes ou questões próprias ao mundo da ciência psiquiátrica. As idéias científicas, assim como as idéias jurídicas e religiosas, não deixavam de também expressar as problemáticas e questões que emergiam da realidade sócio-cultural de então, do mesmo modo que os psiquiatras, mentores e difusores das referidas idéias, não deixavam de ser homens de seu tempo. Ao contrário, se valiam da ciência para, de seu próprio âmbito – em suas teorias e controvérsias – auxiliar na construção de projetos para a nação brasileira, discutindo assuntos candentes como a miscigenação racial e o desenvolvimento da infância.

Referencias Bibliográficas:

- Almeida, Marta de (2006). “Circuito aberto: idéias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX”. *História, Ciências Saúde-Manguinhos* (13) 3 : 733-757.
- Amarante, Paulo (2004). *Projeto Memória da Psiquiatria no Brasil*. Catálogo de Periódicos Não-correntes em psiquiatria da Biblioteca de Manguinhos. (Rio de Janeiro: Fiocruz) (cd-rom).
- Bourdieu, Pierre (1986). (1986). « L'illusion Biographique ». *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62-63): 69-72, juin.
- Carrara, Sergio. (1998). *Crime e loucura. O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. (Rio de Janeiro/São Paulo: EdUERJ/EDUSP).
- Cunha, Maria Clementina Pereira (1986). *O espelho do mundo. Juquery, a história de um asilo*. (Rio de Janeiro: Ed. Paz & Terra).
- Duarte, Luiz Fernando D.; Venancio, Ana Teresa A. (1995). “O espírito e a pulsão: o dilema físico-moral nas teorias da pessoa e da cultura de W. Wundt”. *Mana. Estudos de Antropologia Social* 1(1): 69-106.
- Edler, Flavio C. (1998). “A Medicina Brasileira no Século XIX: um balanço historiográfico”. *Asclépio Revista de Historia de La Medicina y de La Ciencia, Espanha, (L) 2 : 169-186, 1998*.
- Edler, Flávio Coelho; Siqueira, Monique Gonçalves (2009). “Os caminhos da loucura na Corte Imperial: um embate histo-

- riográfico acerca do funcionamento do Hospício Pedro II de 1850 a 1889”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12 : 393-410.
- Engel, Magali Gouveia (1999). “As fronteiras da ‘anormalidade’: psiquiatria e controle social”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 5 (3) fevereiro. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100001&lng=pt&nrm=iso
- Engel, Magali Gouveia (2001). *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)* (Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz).
- Facchinetti, Cristiana; Venancio, Ana Teresa A. (2006) “Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, IX, : 151-161.
- Facchinetti, Cristiana; Cupello, Priscila; Evangelista, Danielle Ferreira (2010). “Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 17 (supl. 1), dezembro: 527-535.
- Facchinetti, Cristiana; Muñoz, Pedro Felipe N. de. (2012). “A circulação de Kraepelin na ciência psiquiátrica do Distrito Federal (1903-1933)”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (no prelo).
- Ferreira, Luiz Otávio; Maio, Marcos Chor; Azevedo, Nara (1997). “A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (IV) 3, nov. 1997-fev.1998: 475-491.
- Ferreira, Luiz Otávio. (1999). “Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43)”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (6) 2 outubro, : 331-351.
- Fidalgo, Jesus Gonçalves (1942). *Henrique Roxo e a medicina mental no Brasil*. s.n.t.
- Freyre, Gilberto. *Sociologia*. (Rio de Janeiro: José Olympio, tomo I, 1973).
- Isaia, Artur Cesar. (2008) “O discurso médico-psiquiátrico em defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro dos anos 1920”. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ano I, n1.
- Jorge, Brahim (1947). “Henrique Roxo e a terapêutica das doenças mentais”. *Anais do Instituto de Psiquiatria 1944 e 1945*. (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional), : 99-106.
- Leary, David E. (1979). “Wundt and After: Psychology’s Shifting Relations with the Natural Sciences and Philosophy”. *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 15 : 231-241.
- Lourenço Filho, M.B. [1955] (1994) “A psicologia no Brasil”. In: Azevedo, Fernando de. *Ciências no Brasil*. (Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ)
- Mokrejs, Elisabeth. (1993). *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. (Petrópolis: Ed. Vozes).
- Moreira, J. & Peixoto, A. (1906), “Les maladies mentales dans les climats tropicaux”. Rapport au XV Congrès International de Médecine, Lisbonne, 1906. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, Anno II, n.1, jan. 1906.
- Moreira Juliano (1919). “Classificações em Medicina Mental”. *Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, anno 1, 1º trimestre.
- Muñoz, Pedro Felipe Neves de (2010). *Degeneração atípica: uma incursão ao arquivo de Elza*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Rio (de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz).

- Muñoz, Pedro Felipe N. de; Facchinetti, Cristiana; Dias, Allister Andrew Teixeira (2011). "Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o Pavilhão de Observações (1894-1930)". *Memorandum* (Belo Horizonte), (20) : 83-104.
- Nina Rodrigues, Raimundo (1939). "Os mestiços brasileiros". In: *As coletividades anormais*. Organização, prefácio e notas de Artur Ramos, (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira): 195-205.
- Oda, Ana Maria Galdini Raimundo (2001). "A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira". *Psychiatry on line Brazil*, 6 (12), dezembro. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano01/wal1201.php>
- Piccinini, Walmor J. (2006). "A História das classificações no Brasil III", *Psychiatry on line Brazil*, 11(12), dezembro.
- Piccinini, Walmor J. (2009). "Adauto Junqueira Botelho: notas biográficas". *Psychiatry on line Brazil*, 14 (2), fevereiro.
- Piccinini, Walmor J.(2010) "História da Associação Psiquiátrica da América Latina (APAL)". *Psychiatry on line Brazil*, 15 (5), maio.
- Roelcke, Volker."Biologizing Social Facts: an early 20th century debate on Kraepelin's concepts of culture, neurasthenia and degeneration". *Culture, Medicine and Psychiatry*, v. 21, n.4, p. 383-404, 1997.
- Roxo, Henrique de Brito B (1900). *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, s.n.t.
- Roxo, Henrique de Brito B. (1906). *Molestias mentaes e nervosas: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905*. (Rio de Janeiro: s/ed).
- Roxo, Henrique de Brito B. (1907). "Dos estados mentais nas grandes nevroses". *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Anno III, n° 3 :247-263
- Roxo, Henrique de Brito B. (1907b) "Da consciência nos alienados" *Brazil Médico*, n. 47
- Roxo, Henrique de Brito B. (1908b) "Da atenção nos Alienados". *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, Ano IV, n° 1: 67-85
- Roxo, Henrique de Brito B. (1909). "Da memória nos alienados", *Brazil Médico*, n. 3 e 4
- Roxo, Henrique de Brito B. (1911) "Da vontade nos alienados". *Archivos Brasileiros de Medicina*, fevereiro/abril.
- Roxo, Henrique de Brito B. (1915). "Da afetividade nos alienados". *Arquivos Brasileiros de Medicina*. abril e maio.
- Roxo, Henrique de Brito B. (1916). "Do raciocínio nos alienados". *Brazil Médico*, n. 23 e 24.
- Roxo, Henrique de Brito B. (1910). "Causas de Re-internação de Alienados no Hospício Nacional". *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Ano VI, N. 1 e 2, p. 403-415.
- Roxo, Henrique de Brito B. (1919). "Sexualidade e Demência Precoce". *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, Ano I : 337-49, 1º trimestre.
- Roxo, Henrique de Brito B. (1921). *Manual de Psiquiatria*. 1ª edição. (Rio de Janeiro: Ed. Guanabara)
- Roxo, Henrique de Brito B. (1924). *Modernas noções sobre doenças mentais*. (Rio de Janeiro: Ed. Guanabara)

- Roxo, Henrique de Brito B. (1925). *Manual de Psiquiatria*. 2ª edição. (Rio de Janeiro: Ed. Guanabara).
- Russo, Jane Araújo; Carrara, Sérgio Luís (2002). “A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda”. *História, Ciências Saúde-Manguinhos*, 9 (2) :273-290.
- Silva, Renata Prudêncio da (2008). *Medicina, Psiquiatria e Educação para a Infância: o Pavilhão-Escola Bourneville no início do século XX*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). (Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz).
- Teixeira, Manoel Olavo (2005) “Teixeira Brandão: o Pinel brasileiro”. In Duarte, Luiz Fernando D.; Russo, Jane A.; Venancio, Ana Teresa A.(orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. (Rio de Janeiro: Contracapa).
- Venancio, Ana Teresa A.; Carvalho, Lázara. (2001) “A Classificação Psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira”. In: Jacó-Villela et al. (orgs.). *Clio-psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. (Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj).
- Venancio, Ana Teresa A. (2003) “Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, (10) 3, dezembro : 883-900.
- Venancio, Ana Teresa A. (2004). “Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira”. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro (14), 2, p. 283-305.
- Venancio, Ana Teresa A.; Carvalho, Lázara. (2005) “Juliano Moreira e o processo civilizatório brasileiro”. In Duarte, Luiz Fernando D.; Russo, Jane A.; Venancio, Ana Teresa A.(orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. (Rio de Janeiro, Contracapa).
- Venancio, Ana Teresa A.(2010). “Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17 (suppl.2) :327-343, dezembro.